

12-2015

Ao serviço da Mãe Igreja

Manuel de Sousa Gonçalves

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

de Sousa Gonçalves, M. (2015). Ao serviço da Mãe Igreja. *Missão Espiritana*, 25-26 (25-26) Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol25/iss25/27>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

O Tocoísmo, nascido em Angola, e o Kimbanguismo zaireense, ambos de raiz batista, existem sobretudo de Luanda para cima. É este o quadro de Igrejas e Grupos cristãos que poderíamos chamar tradicionais.

Porém, com a religião, parece estar sucedendo o mesmo que com a economia e a política: todo o mundo quer meter-se cá dentro, agindo se necessário nos bastidores. O capitalismo internacional, que em certo caso é imperialismo cultural também, além de económico, esse procura entrar seja de que maneira for, corrompendo se necessário, ou jogando com a diversidade política.

Mas, por causa disto tudo, infelizmente, não é descabido afirmar que o horizonte de Angola está ainda coberto de muita nuvem. Será que um islamismo político-económico-religioso conseguirá vir a afirmar-se também a médio prazo, complicando ainda mais o xadrez sociocultural deste martirizado povo?

In «Encontro» n.º 266 – maio 1995

AO SERVIÇO DA MÃE IGREJA

Não há dúvida de que a diocese de Benguela bem marcada pela guerra no interior do seu território, cresceu significativamente nos últimos anos. E assim, a comemoração dos 25 anos da criação da diocese, de 17 a 23 de Julho de 1995, com o II Congresso Eucarístico Diocesano, foi acima de tudo um tempo de ação de graças.

A Providência tem abençoado a generosidade do seu Pastor, o bispo D. Óscar Braga. Desenvolveu-se intensa acção vocacional, e Benguela tomou-se, no país, o maior alfofre de vocações sacerdotais e de vida consagrada. A diocese possui Seminário do Curso Propedêutico, construiu um Seminário de Filosofia, e agora está levantando um outro para os estudantes de Teologia. Neste momento, aproxima-se da centena, o número dos Seminaristas Maiores.

Mas foi a vida cristã em geral que ganhou vigor. A frequência dominical é notável. Cresceu a catequese. Abundam os catequistas rurais e os Evangelistas – leigos ao serviço das comunidades e a tempo inteiro. Renasceu o Escutismo. Fundaram-se novas paróquias e, apesar da guerra, conseguiu-se manter o essencial da assistência religiosa às populações rurais.

Uma notícia, grande pelo seu significado, é a próxima reabertura das Missões de Monte Belo e do Balombo. Nesta última, os edifícios foram marxisticamente arrasados até ao solo, porque se quis fazer daquela população um modelo de “comunidade socialista”, que deveria depois expandir-se a partir de lá. Foi um fracasso e não teve consequências para a fé; inclusive, o povo conseguiu até, generosamente e apesar da sua pobreza, enviar, às escondidas e sem que ninguém lho pedisse, a sua contribuição habitual para as despesas da diocese. Agora, a vida cristã vai ser reorganizada. E conta-se para lá, pela primeira vez em Angola, com um grupo de Irmãs americanas, das Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo.

Mas a intenção deste artigo é o tema indicado pelo título: a Igreja-mãe do povo: a ação dos filhos da Igreja em defesa dos mais fracos e das vítimas da maldade humana. A Igreja de Benguela merece o título de “mãe” porque, mediante a entrega de pessoas consagradas, ampara a vida e favorece a vida, em favor de quem debilmente começa a grande aventura da existência. Quando dizemos que a Igreja é mãe, de ordinário referimo-nos à vida teológica, a fé-esperança-caridade: é no seu “seio” que a nossa fé nasce e se desenvolve. Mas ela pode ser chamada mãe ainda de outra maneira, em simples termos humanos, quando alivia dores nos hospitais, quando acolhe quem não tem família, quando ampara quem foi jogado fora. O apostolado da misericórdia, exercido por amor cristão, é sem dúvida um serviço com marcas de maternidade-paternidade. Quanto a Benguela, destaco três exemplos significativos.

A Casa do Gaiato

Esta Casa é bem conhecida em Benguela e no país, tal como o seu director, o P. Manuel, da Obra do Gaiato. Localizada em plena verdura do Cavaco (a planura a norte de Benguela, que um rio subterrâneo, do mesmo nome, toma fértil), a Casa do Gaiato benguelense prestou excelente serviço antes da independência. Depois, foi como quase tudo o que era obra educativa ou assistencial da Igreja: o confisco marxista, a progressiva degradação, a transformação do ambiente educativo em conjunto administrativo do qual só beneficiavam os seus gestores...

A viragem de 1992, relativa e até ver parada por aí no que se refere aos bens da Igreja, fez voltar novamente à dedicação do P. Manuel, a Obra do Gaiato. Refizeram-se os edifícios, colocaram-se vidros nas janelas, reparou-se a canalização, recompôs-se a casa do saque feito na saída dos anti-gos servidores, e a Obra voltou a ganhar fôlego. Dos bens anteriores, só falta o grande bananal, que pessoa “influente” ainda mantém em seu poder...

Presentemente, a Casa alberga e educa 130 rapazitos. Funcionam ali as escolas, com professores pagos pelo Estado; algumas Oficinas (reequipadas); e a agricultura da Obra. Os miúdos brincam, estudam, trabalham e preparam-se para a vida. Chegam-se aos visitantes sem receio, sorriem, são educados.

Que diferença de há alguns anos atrás, comentava uma das empregadas da casa.

A Casa do Gaiato acode também agora às numerosas mães solteiras da vizinhança: jovens mães do meio rural e com pouca instrução, que em maioria foram tomadas por soldados, entretanto desaparecidos ou simplesmente acoitados por outras paragens. Essas mães, que o Gaiato ajuda, passam de 100, e cada uma tem prole, em média, de 5-6 filhos. Para mães e filhos, a fome era o pão nosso de cada dia.

P. Manuel, homem de coração e homem cristão, não hesitou: os filhos vêm para a escola se têm idade para tal – e por isso há um novo edifício escolar a crescer; as mães trabalham nos campos da Casa. Dinheiro, não haverá muito. Mas há comida e emprego para todo esse mundo, com nenhum lucro para a Casa. É que o P. Manuel, por isso tudo, obrigou-se a alimentar diariamente nada menos do que umas 800 bocas.

Como é que o P. Manuel, neste tempo de miséria, consegue multiplicar o pão para toda essa gente, tem aspetos de milagre. Corre aqui e acolá, compra milho e mói-o em casa, bate a inúmeras portas, endivida-se. Dificuldades não têm faltado e aumentam os cabelos brancos. Mas é com toda a naturalidade que ele observa:

– “Que hei de fazer? Não podia ficar indiferente a esta miséria das pobres mães e ao abandono dos rapazes...”

As meninas da Irmã Silva

A Irmã Silva é Doroteia. Natural de Famalicão, veio para Angola em 1972 ou 73, não sei bem. Foi professora no belo colégio da Congregação em Benguela, até ele ser confiscado pelo Estado. Foi também Formadora e Mestra de Noviças, e tem agora a consolação de ver o seu Instituto crescendo em Angola dia a dia.

Onde for necessário ajudar, aí temos a sua eficiência discreta e sorridente. Viu-se durante o Congresso: atuou nos bastidores das cozinhas e na logística das viagens. Como sempre, fê-lo com eficácia.

Quanto às meninas, elas vagueavam pelas ruas ou foram trazidas por alguém. As crianças da rua, em geral são rapazitos. Mas aparecem também meninas, e em Benguela eram bastantes. E elas então bem merecem cuidado particular, por estarem mais expostas à barbárie.

Essas crianças, que perderam pais e carinho, são por vezes fruto da miséria. É o caso por vezes dos rapazes, pelo menos em Luanda, onde a família por vezes os joga para a rua por faltar tudo em casa. Mas em maioria, rapazes ou meninas, são fruto da guerra dos adultos: na fuga, no ataque, os pais morreram, ou então fugiu cada um para seu lado. Restituir filhos aos pais, reencontrar familiares, é um dos grandes desafios sociais em Angola, quando a guerra acabar de verdade.

Então, na fuga do mato, vieram também meninas para Benguela. Vagueavam por aqui e por ali. A Ir^a. Silva começou a acolhê-las e a hospedá-las. O grupo foi crescendo e agora já passa de 80 crianças. Ir^a. Silva fez e faz de mãe, ajudada por outras Irmãs e pelo grupo das Aspirantes da Congregação.

Na casa, instalada numa das dependências do colégio, entretanto restituído, o ambiente realmente é de família: há descontração, as miúdas estão bem apresentadas, parecem ter esquecido a miséria, estudam, brincam e aprendem a viver como mulheres cristãs, que se espera venham a ser um dia.

O abrigo da infância

Aqui é uma Casa de Acolhimento para bebês e crianças da primeira infância, até aos 5 anos, dirigido pelas Irmãs do Santíssimo Salvador. A Casa já existia antes da independência e nunca foi tirada. Mas a sua utilidade tornou-se mais premente com as misérias que a guerra trouxe.

A maioria das crianças não tem família: foram trazidas, ou encontradas ao abandono (o último bebê a chegar veio do meio do lixo). À volta delas, funciona a atenção cuidadosa de 7 Irmãs e também o grupo das Aspirantes. É que neste momento há que cuidar de 107 bebês e crianças.

Visitei o Centro com D. Óscar muito à pressa e já ao cair da noite. Mas ainda deu para ver que aquela miudagem, pelo menos a que se mexia, não tinha o ar triste e solitário, nem o retraimento das crianças privadas de afeto. Os mais crescidos corriam, brincavam, faziam algazarra, e todas queriam saudar o “senhor Bispo”.

As três Casas funcionam agora em regime de complementaridade. O Lar dos Pequeninos é o alfobre: se nenhuma família os recebe quando crescem ou se não se encontra qualquer familiar, irmão, as meninas para os cuidados da Ir^a. Silva, e os rapazes para o tato educativo do P. Manuel.

E aí temos a Mãe-Igreja, mediante aqueles e aquelas que se consagraram ao seu serviço (pois passa necessariamente por aí o Reino de Deus, por muito que esta noção ande super gasta e banalizada), aí temos o cuidado materno da Igreja em ação: ao serviço da vida, salvando vidas e fomentando

a vida, procurando dar aquele calor humano de que foram privados adolescentes e crianças que a maldade, se não a estupidez humana, empurrou para a desgraça.

In «Encontro» n.º 271 – novembro de 1995

O P. LIBERMANN E A MISSÃO DE ANGOLA

Diz-se com razão que o século mais missionário da Igreja é aquele que vai de meados do século 19 até ao Concílio Vaticano II. O Extremo Oriente e principalmente a África foram as áreas privilegiadas.

Ora bem. Na história missionária da África moderna, direta e indiretamente, tem lugar de pioneiro o P. Francisco Libermann. São autores africanos que o dizem. O historiador Ki-Zerbo, cuja História de África em 9 volumes foi reeditada pela UNESCO, afirma que sem as Missões cristãs a África não teria acedido à época moderna nem à independência; referia-se ao progresso social e escolar trazido pelas Missões.

Léopold Senghor, fundador da nação senegalesa, esse afirma sem reboços que o P. Libermann, pela sua dedicação aos africanos e pela empresa missionária que lançou, é uma espécie de «pai» da África moderna. E que dizer do P. Libermann em relação a Angola?

Intuições Missionárias do P. Libermann

A crítica maior que é moda fazer-se à Missão do Padroado português, em ação a partir do século XVI, é a de uma excessiva coloração ocidental na proposta missionária. Seja. Mas nesse campo da atenção aos valores de cada cultura, Libermann falou claro aos seus missionários desde o início e já em 1841: “não levem para aí os hábitos e maneira de ser da Europa”, recomendava frequentemente.

A inserção dos valores cristãos na cultura local e a mútua fecundação dá pelo nome de inculturação. A inserção, adaptando-se quanto puder, do missionário ao jeito e vida local, tem o nome de aculturação. P. Libermann esteve atento a uma e outra, e à última com bom senso e equilíbrio. Por razões de diferença cultural e fisiológica, uma aculturação total às condições de vida local, sobretudo nesses primórdios duros da Missão (e relativamente ainda